

FLEISCHER, Soraya.; LIMA, Flávia (orgs.). 2020.  
Micro: contribuições da Antropologia. Brasília, DF: Editora Athalaia<sup>1</sup>.

Jeniffer Cardoso Ferreira  
Graduanda em Ciências Sociais na Universidade de Brasília (UnB)  
[jeniffer.ferreira.work@gmail.com](mailto:jeniffer.ferreira.work@gmail.com)

Mariana Alves Simões  
Mestranda em Antropologia Social na Universidade de Brasília (PPGAS/UnB)  
[marianalvesimoes@gmail.com](mailto:marianalvesimoes@gmail.com)

Sabrina Alves de Lima  
Graduanda em Ciências Sociais na Universidade de Brasília (UnB)  
[sabrinaalima.001@gmail.com](mailto:sabrinaalima.001@gmail.com)

*Micro: contribuições da Antropologia* é um livro de caráter etnográfico, resultado de uma empreitada antropológica na busca por entender e contar sobre o impacto da epidemia do Vírus Zika (VZ) em famílias atingidas nos anos de 2015 e 2016 no Brasil. Interessadas em conhecer a realidade das crianças nascidas com o que posteriormente fora detectado como uma síndrome e cuja característica mais marcante e noticiada eram as pequenas cabeças dos recém-nascidos, pesquisadoras de Brasília/DF buscaram interlocutoras e se propuseram a sair do Centro-Oeste rumo à Grande Recife, capital de Pernambuco e um dos estados mais afetados pelo VZ. O livro nasce de uma metodologia coletiva e de um coorte qualitativo no qual famílias foram acompanhadas ao longo de quatro anos (2016-2019), com visitas periódicas da equipe de antropólogas.

Logo na introdução, Soraya Fleischer, uma das coordenadoras da pesquisa e do livro, pontua que, em 2015, quando ninguém sabia ao certo o que estava acontecendo, a microcefalia foi a principal característica percebida nos recém-nascidos. Em 2016

1 Disponível em: [http://www.dan.unb.br/images/E-Books/2020\\_FLEISCHER\\_LIMA\\_Micro.pdf](http://www.dan.unb.br/images/E-Books/2020_FLEISCHER_LIMA_Micro.pdf)

descobriu-se que essa diminuição do perímetro cefálico havia sido causada pelo “Vírus Zika” (VZ), levado às mães e aos bebês pelo *Aedes aegypti*. Em 2017, “Síndrome Congênita do Vírus Zika” (SCVZ) surgiu como tentativa de apontar não apenas a microcefalia, mas um conjunto de sintomas que as crianças apresentavam. Contudo, microcefalia continuou sendo o termo privilegiado para resumir o diagnóstico e “micro” virou apelido, substantivo e adjetivo. *Micro* tem em seu título uma escolha política, dá voz a experiência das crianças e denota a luta das mães pelas suas vidas.

O prefácio de Rosamaria Carneiro traz um panorama generoso acerca do que *Micro* se propõe e nos provoca a pensar a atual pandemia da Covid-19 à luz dos acontecimentos da epidemia do VZ. Como bem pontuado pela autora, *Micro* nos faz ver que “uma epidemia tem futuro, ainda que incerto e, por vezes, tão cruel, porém, sempre um futuro, de novo e mais uma vez” (p. 15). A introdução se subdivide em cinco tópicos – Micro, Pesquisa, Livro, Antropologia e Gratidão –, e Fleischer desenha o percurso que levou à pesquisa que originou o livro, desenvolvendo cada subtópico de maneira didática e descomplicada.

A partir da narrativa sobre o cotidiano de Inês e sua filha Dara, diagnosticada com a SCVZ, em “Mulheres” Raquel Lustosa versa sobre a centralidade da figura feminina no cuidado das crianças com micro. Girando em torno da ideia central da voz e do falar de Inês, que é tido como um, dentre tantos, ensinamentos que o convívio com Dara a proporcionou, a autora desloca a figura da mulher – personificada na “mãe de micro”, como se autodenominam – do papel de apenas cuidadora para uma voz ativa na busca e demanda por direitos. Lustosa fala, ainda, sobre as redes femininas que se conformaram em decorrência da epidemia que atingiu essas famílias: ONGs e grupos de WhatsApp como espaços de convívio e formulação de estratégias de cuidado e assistência, predominantemente femininos. A voz de Inês aparece como estratégia de trazer à tona as tantas vozes que perpassaram a pesquisa e o cotidiano das pesquisadoras, evidenciando sua centralidade no universo da micro.

No capítulo seguinte, “Homens”, Gabriela Freitas reitera o papel central dos corpos femininos nos cuidados das crianças e nos convida a pensar onde estão os homens e como/ se eles estão inseridos na esfera dos cuidados. Valendo-se de dados etnográficos e das múltiplas vivências das mães e das próprias pesquisadoras em campo, a autora lança mão de duas figuras masculinas usuais: o “pailhaço” e o “paizão”. O primeiro, e mais recorrente, é o pai que não ajuda nos cuidados da criança, age com violência, abandona a família e/ ou não aceita o diagnóstico de SCVZ. O segundo seria o oposto, o pai presente e provedor da casa, que trabalha fora e, ainda assim, tem parte nos cuidados domésticos e da criança. Freitas faz uma discussão teórica interessante sobre o masculino. Além das figuras

paternas – presentes ou não – a autora elenca outros homens que aparecem no cotidiano das crianças de micro: motoristas de transportes, líderes religiosos, representantes do Estado, profissionais da saúde etc.

Em “Crianças”, Thais Valim nos mostra como as crianças de micro estão a todo tempo tencionando a medicina e as concepções comumente empregadas quando se pensa infância, corpo e normalidade. A autora defende que há uma multiplicidade de concepções de infância e traz à luz reverberações da epidemia do VZ e do cuidado intensivo das mães com as crianças de micro na vida das outras crianças, irmãs e irmãos, que acabam vivenciando outras formas de infância em decorrência do contato próximo e do exercício do cuidado com a criança portadora da SCVZ. Segundo Valim, fatores como vulnerabilidade financeira, falta de tempo, sobrecarga das mães e outros, perpassam a experiência de infância de irmãs e irmãos e das próprias crianças diagnosticadas com a síndrome. Por fim, a autora alega ser crucial entender que o que dificulta e molda a vida das crianças inseridas no contexto da epidemia não é a deficiência, mas a deficiência em um contexto de desigualdade social e precarização.

No capítulo “Doutores”, Soraya Fleischer apresenta a inserção das mães de micro no mundo da Biomedicina e suas relações com alguns profissionais que compõem essa esfera da saúde. Visando o novo cenário em que essas mães se encontravam, a autora comenta sobre o interesse delas em entender mais sobre a especialidade de seus filhos. Na busca por conhecer a Biomedicina, essas mulheres passaram a ter um olhar mais crítico à área e a reconhecer quais são os profissionais que se dedicam realmente ao cuidado de seus filhos, criando vínculos de afeto e respeito com alguns e sendo críticas a outros. Com isso, a autora discorre sobre o posicionamento das mães frente a atendimentos que não as satisfaz, evidenciando demandas por um serviço de qualidade. Fleischer nos chama atenção ainda para o fato de que ao se inserirem nesse ambiente essas mães estão tendo a chance de conhecer o funcionamento de uma política pública e, cada vez mais, sendo críticas ao andamento dessa Biomedicina de Estado.

Ainda no mundo da Biomedicina, em “Medicamentos”, Ana Claudia Camargo discorre sobre o uso de remédios pelas crianças com microcefalia e toda a articulação das mães nesse processo de medicação. Sabendo dos diversos medicamentos que essas crianças tomam, desde bebês, a autora comenta sobre como as mães de micro reivindicam por profissionais que prescrevem fármacos visando a especificidade de cada uma delas. Muitos causam diversos efeitos, podendo ajudar ou ser prejudiciais, resultando em efeitos colaterais ou piora do quadro convulsivo das crianças. Desse modo, Camargo nos conta que quando percebem mudanças no comportamento e na saúde de seus filhos, algumas

mães decidem, por conta própria, diminuir a dosagem de remédios, buscando se informar sobre os medicamentos prescritos às suas crianças. Mesmo cientes sobre o conhecimento dos médicos, essas mães acreditam saber o que é melhor para seus filhos, pois conhecem suas particularidades, diferentemente dos profissionais.

Atenta a novidade na vida das crianças com a SCVZ, que chegaram à idade de frequentar a escola, Júlia Garcia, em “Escolas”, fala sobre o processo escolar e a luta das mães de micro para tornarem esse ambiente mais inclusivo aos filhos. A autora traz a história de Marilene e sua filha Tereza, buscando ilustrar a realidade de muitas dessas famílias. Ao relatar as dificuldades que surgiram quando sua filha atingiu a idade escolar, Marilene nos coloca em um cenário onde falta acessibilidade e inclusão social. Garcia nos conta sobre a preocupação dessa mãe e o seu engajamento para que todos na escola ficassem a par das especificidades de sua filha. Assim, essa escola foi se tornando um local mais propício e inclusivo à uma criança com deficiência. Marilene ressalta a importância de Tereza frequentar o espaço, pois o contato com diferentes crianças ajuda no seu desenvolvimento. Além disso, sua inserção na escola proporciona um tempo a mais para Marilene, sendo também benéfico às demais pessoas que compõem o ambiente escolar, já que assim podem se atentar às particularidades de uma pessoa com deficiência.

Ana Letícia Silva e Flávia Lima discorrem em “Transportes” sobre os diversos meios de locomoção que as mães e crianças de micro utilizam no deslocamento pela cidade de Recife e os obstáculos que surgem durante seus percursos. As autoras relatam precariedade nos transportes públicos/gratuitos, disponíveis às mães das crianças com SCVZ. São constantes as reclamações vindas dessas mães, mostrando como a mobilidade nesse cenário é um empecilho. Muitas comentam sobre as numerosas vezes em que encontraram ônibus estragados, sobre o preconceito enfrentado dentro dos veículos, sobre a falta de acessibilidade e como, constantemente, precisam reivindicar por melhorias para que elas e seus filhos consigam chegar às consultas, às escolas ou em suas casas com maior segurança e conforto. Ademais, as autoras nos informam que as dificuldades também existem quando se trata do transporte privado, fazendo do deslocamento uma atividade exaustiva e frustrante para essas famílias.

“Dinheiros” aborda as finanças da família de Diana, esposa de Leonardo, mãe de Yasmim e da caçula com micro, Gabriela. Quando se fala de dinheiro, Catarina de Souza descreve bem, “fala-se especialmente sobre a falta dele” (p.129), e retrata a realidade de mães de micro que diariamente tentam fazê-lo render. Aborda aspectos como os “dinheiros” provenientes de políticas públicas assistenciais, das instituições públicas e privadas, nacionais e internacionais; o surgimento de grupos e de ONGs; explana sobre

as necessidades básicas do lar, demandas da criança como terapias, medicamentos e equipamentos indisponíveis pelo Sistema Único de Saúde. Por conseguinte, a jornada de cuidados *full time* exigiu que as mães renunciassem aos seus trabalhos formais, buscando alternativas para complementar a renda com trabalhos adaptáveis às suas rotinas. Souza narra ainda sobre doações às famílias, que geralmente pressupõem uma contrapartida; fala da importância de uma rede de apoio na ausência dos auxílios que, eventualmente, deixam essas famílias desassistidas. O capítulo versa, principalmente, sobre trocas e apoio.

Na sequência, “Benefícios” demonstra como a existência de benefícios sociais não prevê sua aplicação eficiente e imediata, versa também sobre aspectos da vida financeira das mães. Barbara Marques cita dois documentos base para acesso aos benefícios que afetam diretamente a estrutura da vida familiar: Portaria nº 58, de 03 de junho de 2016, e Portaria nº 321, de 14 de julho de 2016. A primeira trata do Benefício de Prestação Continuada (BPC) e a segunda dispensa famílias de micro do sorteio do programa Minha Casa Minha Vida. Marques traz Inês, mãe de micro, que apresenta falhas na comunicação entre as esferas governamentais, além de burocratizações que dificultam a efetivação de direitos já conquistados. Camila, outra mãe, fala dos benefícios enquanto cuidadora, sobre a necessidade de remuneração, também, para a mãe. O BPC da criança com SCVZ não cobre as suas despesas, tampouco as da mãe e da casa, no cenário majoritário onde a mãe para de trabalhar para exercer sua nova ocupação: cuidadora.

Flávia Lima conta sobre Melina e Cintia, mães de micro, que se perceberam no cenário da epidemia do VZ em 2015 através das tecnologias de comunicação. No início da epidemia as “Mídias”, termo que intitula o capítulo, auxiliaram muitas famílias a diagnosticarem suas crianças num cenário onde ninguém sabia das variações da Síndrome. As mães tiveram contato com diversas frentes, pesquisadores nacionais e internacionais, repórteres, jornalistas, blogueiros. As entrevistas eram importantes para o aumento das doações recebidas, davam voz ao grupo de famílias de micro, mas eventualmente geraram conflitos em suas relações pessoais. Na época, divulgaram muitas imagens e a síndrome foi relacionada à microcefalia, junto a isso, falas preconceituosas de especialistas alimentaram os noticiários. Lima conta que, pelo Instagram, WhatsApp e Facebook, as mães têm contado suas próprias histórias. Além dessas ferramentas, há blogs que seguem tentando fazer conhecer a realidade dessas mães, como o Microhistórias<sup>2</sup>, blog deste mesmo projeto de pesquisa.

No último capítulo, “Ciências”, Aissa Simas traz à tona como se deu parte do envolvimento de pesquisadores na epidemia do Vírus na Grande Recife. Concomitante à produção científica, esses profissionais também prestaram assistência direta às famílias, já

2 <https://microhistorias.wixsite.com/microhistorias>

que muitos mantinham múltiplos vínculos (serviço, ensino, pesquisa, gestão). A autora nos apresenta Solange e Morgana, duas mulheres pesquisadoras, a primeira vivencia a prática da assistência e da pesquisa simultaneamente; a segunda além de pensar a necessidade de ambulatórios e demandá-los frequentemente, contribuiu para a criação da linha de pesquisa sobre o VZ, que segue sendo desenvolvida por pesquisadores. Simas revela ausências no contexto da epidemia no que concerne às relações entre pesquisadores/médicos e pacientes: de diálogo; de resultados das pesquisas nas quais os bebês com micro eram o cerne do estudo; de trocas mais horizontais e menos hierárquicas.

É em oposição a essa tradição do universo científico que *Micro* se apresenta enquanto devolutiva da pesquisa construída, ao longo de quatro anos, junto às famílias que abriram suas vidas e rotinas à equipe de antropólogas de Brasília. Com vocabulário simples, mas sem abdicar da riqueza das análises e dados etnográficos, se faz acessível a um público muito além da academia. A Antropologia, muitas vezes marcada por seus jargões teórico-metodológicos, se apresenta de forma descomplicada e inteligível. Um livro rico em sua temática, descrições, cenas e diálogos e nas discussões teóricas a que se propõe, compondo uma “fotografia panorâmica”, como descreve Giovana Tempesta na contracapa. *Micro* tem ainda, principalmente no atual contexto negacionista e neoconservador, importante valor de veículo de divulgação científica.<sup>3</sup>

*Micro* tem o potencial de comunicar especialistas das áreas das Ciências Humanas e Sociais, e apresenta uma abordagem outra às demais áreas. Nos mostra que pensar epidemia, deficiência, suas reverberações e consequências, vai além dos diagnósticos dados em consultórios ou dos estudos laboratoriais a fim de nomear um vírus ou caracterizar uma síndrome. As muitas mãos femininas que construíram a pesquisa, compuseram o cotidiano da microcefalia e redigiram o livro, descrevem facetas que atravessam o cotidiano das famílias cujas vidas foram interpeladas pela epidemia do VZ, mas trazem também uma metodologia própria de pesquisa: coletiva, colaborativa e acessível às suas interlocutoras e por outros leitores alheios à Antropologia. Não obstante, no momento, em meio a uma pandemia, cabe reforçar o tom esperançoso de Carneiro ao abrir o livro. *Micro* restaura a esperança coletiva, mostrando que há vida após epidemia – local ou global – e que, apesar das incertezas que nos circundam agora, tal qual experienciado pelas mães de micro nos últimos anos, o futuro é incerto, mas existe.

Recebido em 16 de novembro de 2020.

Aceito em 16 de fevereiro de 2021.

---

3 Comentário acrescido após parecer editorial.